**Xirê no Palco – Grupo Artístico e Cultural Xamba das Yabás educando sobre o amor e o necessário respeito pela religião do Candomblé e seus/as adeptos/as**

Auxiliadora Maria Martins da Silva[[1]](#footnote-1)

Flávio Valdez Martins da Silva[[2]](#footnote-2)

**GT 13 - Estética e Ensino Religioso: perspectivas e práticas da arte e sua diversidade**

**Resumo**

O referido trabalho tem por objetivo apresentar pesquisa realizada nos anos de 2022 e 2023. Nossa pesquisa teve como objetivo, mediar as narrativas autobiográficas das 12 mulheres pretas, pobres, idosas e candomblecistas integrantes do grupo artístico e cultural Xambá das Yabás do Quilombo Urbano do Portão do Gelo, localizado no bairro de São Benedito, na cidade de Olinda, no estado de Pernambuco, na região Nordeste do Brasil, no sentido da identificação das redes de significantes/significados/subjetividades que foram e estão sendo construídas pelas mulheres do Quilombo Urbano do Portão do Gelo, no sentido de educar para o respeito pela religião do Candomblé e seus/as adeptos/as. Essas 12 mulheres, destarte, contribuem na construção de uma educação antirracista que aponta para as dores e dificuldades de vivenciar a opressão, mas também apontam para as possibilidades de superação da opressão racista, sexista, classista e para o enfrentamento das desigualdades sociais e étnico – raciais.

**Palavras chave:** Autobiografia; Quilombo Urbano; Yabás.

Introdução

Com o objetivo de compreender as narrativas de vida de 12 Yabás do Quilombo Urbano do Portão do Gelo, na cidade de Olinda em Pernambuco, mediamos suas narrativas autobiográficas como um recurso fecundo que possibilita compreender as subjetividades e as singularidades dessas narrativas de formação identitária e os saberes de referência que foram construídos ao longo das vidas dessas mulheres, numa comunidade de aquilombamento, de janeiro de 2022 a janeiro de 2023, estivemos realizando uma pesquisa junto ao Grupo Artístico e Cultural Xamba das Yabás. O grupo ao qual nos referimos, foi constituído no ano de 2019, sob as orientações do multiartista Guitinho da Xambá, falecido em função de causas naturais, aos 38 anos de idade, no mês de abril do ano de 2021. Guitinho da Xambá, como vocalista do Grupo de Coco Bongar, tornou-se notório no nosso país e internacionalmente, por ser um importante musicista, compositor, instrumentista, produtor cultural que com sua arte, trouxe para conhecimento do público, a história, memória, cultura e religiosidade da sua comunidade, O Quilombo Urbano do Portão do Gelo localizado no bairro de São Benedito, na cidade de Olinda, no estado de Pernambuco, na região Nordeste do Brasil.

É importante ressaltar de qual conceito de quilombo nos aproximamos para buscar colher, compreender e analisar os dados da realidade onde o grupo artístico e seus participantes vivem e convivem, destarte, quilombo para Almeida consiste em:

“Se há um ponto em comum observado na existência dos quilombos é a diversidade. Cada quilombo é diferente do outro e não há a necessidade de fixar categorias estáticas, devido ao processo de reconhecimento da própria comunidade. Isso leva a pensar os quilombos como uma categoria dinâmica, na medida em que diversas formas de aquilombamento foram construídas.” (ALMEIDA, 2020, p.150).

Nesse sentido buscamos compreender a relação existente entre o ser e o fazer dessas mulheres, considerando os aspectos artísticos e religiosos que envolvem seu cotidiano, sua fé e sua arte. Essas 12 mulheres, destarte, pesquisadas, ao escrever e disponibilizar, contribuem na construção de uma educação antirracista que aponta para as dores e dificuldades de vivenciar a opressão, mas também apontam para as possibilidades de superação da opressão racista, sexista, classista e para o enfrentamento das desigualdades sociais e étnico – raciais.

**2 Fundamentação teórica**

O Grupo artístico e cultural Xamba das Yabás, portanto, integra uma comunidade rica em diversidade, o Quilombo Urbano do Portão do Gelo com mais de 90 anos, oriundo do Quebra de Xangô[[3]](#footnote-3). O grupo é composto por 12 mulheres pretas, pobres, idosas e candomblecistas. Essas mulheres reúnem-se nas noites de terças e quintas – feiras, no Centro Cultural Grupo Bongar para ensaiar músicas e danças, bem como, produzir artesanatos que ornamentam as festas de santo que ocorrem, mensalmente, no Terreiro de Xambá, onde atuam como Yabás. Nas reuniões há uma forte interação com as crianças do Terreiro que, com essas yabás aprendem práticas religiosas e culturais num processo educativo não formal, o que nos leva a concordar com Stela Caputo que defende em sua tese, “Educação nos Terreiros” a importância e o diferencial das práticas educativas dentro do terreiro, quando diz:

Crescer em um terreiro de candomblé é aprender a conviver com múltiplas diferenças e partilhar, com isso, uma nova perspectiva de educação antirracista e plural. Há muito em todo país, a escola perde essa experiência porque é longa a sua prática de silenciar culturas não hegemônicas. (CAPUTO 2012, p. 271).

Nesse sentido, vemos que os palcos das cidades de Recife e Olinda, em Pernambuco, tem recebido o grupo artístico e cultural Xamba das Yabás em festas do calendário oficial das suas prefeituras no Natal, no Carnaval, nos Festejos Juninos e nos palcos das entidades privadas, sem fins lucrativos, como o SESC/PE e, ainda, nas festas das comunidades de terreiros de religiões de matrizes africanas onde dançam, cantam as toadas tradicionais dos Xirês, ora vestidas de branco, ora vestidas com as cores dos seus orixás, ensinando ao público sobre a religião do Candomblé, sobre as vivências em um Terreiro. É salutar ressaltar que Rita Amaral define o Terreiro como o local do cosmo visão africana:

Quando nos referimos a “terreiro” estamos falando das comunidades de religião de matriz africana, estruturadas em torno do culto aos Orixás que são divindades originárias nos cultos africanos que foram trazidos para o Brasil, de diversas regiões africanas, e que comandam as festas e celebrações dos terreiros por meio de rituais próprios a cada um. É importante destacar que esse patrimônio imaterial, transposto pelos africanos, não se limita apenas ao culto dos Orixás, mas a um conjunto de elementos fortemente ligados à seu cosmo visão. (AMARAL, 2002 , p. 28).

Considerando que nosso país vivenciou um tempo de crise em várias dimensões, governos corruptos e caóticos, pandemia da COVID 19, ameaça de golpe de Estado, falecimento do Guitinho da Xambá, nos questionamos acerca das consequências desse tempo de trevas no qual o Brasil esteve imerso e do falecimento do criador, produtor e incentivador do grupo Xamba das Yabás, como essas mulheres que, como quilombolas, candomblecistas, idosas, pretas, pobres que já enfrentam desigualdades sociais e étnico-raciais engendradas pelo racismo estrutural brasileiro estariam, nas suas práticas cotidianas de ser e de viver, elaborando estratégias e táticas de enfrentamento da opressão racista, sexista para dar continuidade ao processo de realização dos Xirês nos palcos, ocasião em que, com sua arte, plasticidade e demonstração de fé, educam as plateias para o respeito à religião do candomblé e seus/as adeptos/as.

Compreendemos que essas mulheres, ao realizarem essas apresentações para onde acorrem centenas, às vezes, milhares de pessoas, para ouvi-las cantar, dançar, saudar sua religião e seus orixás, atuam no papel de educadoras, ensinando o amor e o respeito pelas religiões de matrizes africanas e pelo povo de santo, contribuem na construção de uma educação antirracista bem como de práticas pedagógicas que apontam para as dores e dificuldades de vivenciar a opressão, mas também apontam para as possibilidades de superação da opressão racista, sexista e das desigualdades nos tirando da inércia.

Nossa pesquisa teve como objetivo, mediar as narrativas autobiográficas das 12 mulheres integrantes do Grupo Artístico e Cultural Xamba das Yabás, no sentido da identificação das redes de significantes/significados/subjetividades que foram e estão sendo construídas pelas mulheres do Quilombo Urbano do Portão do Gelo, no sentido de educar para o respeito pela religião do Candomblé e seus/as adeptos/as.

**3 Metodologia**

A abordagem teórico metodológica da Autobiografia foi o norte e a bússola que guiou nosso estudo pensando com Appiah (1992, 2012) que, ao fazermos uso de teorias e metodologias de base autobiográfica e adequadas, podemos lançar luz sobre dados colhidos que são carregados de subjetividades e de grande qualidade e, quando analisados e socializados, podem colaborar para a formação tanto dos indivíduos envolvidos na pesquisa quanto dos outros públicos que possam ter acesso ao resultado dessa pesquisa realizada pela academia e seus/suas pesquisadores/as, num clima de confiança, ética e respeito por pessoas que permitem o acesso ao seu cotidiano, dos seus grupos e dos seus territórios de maioria afrodescendente.

Essas posturas desembocam numa relação produtora de transformação dos currículos e das práticas pedagógicas eurocêntricas disseminadas na universidade, bem como, na sociedade, podendo informar e demandar, ao Estado brasileiro, políticas públicas racialmente equitativas necessárias para que a população brasileira possa viver com justiça e equidade pensando com (Appiah, 1992) que “as pessoas importam e a cultura importa para as pessoas” (p.87), assim como outras filosofias e cosmovisões como as dos africanos, africanas e seus descendentes, na Diáspora.

Aproximamos-nos de 12 mulheres negras, candomblecistas e quilombolas, mediando suas narrativas autobiográficas como um recurso fecundo que possibilita compreender as subjetividades e as singularidades dessas narrativas de formação identitária e os saberes de referência que foram construídos ao longo das vidas dessas mulheres que possibilitaram ser quem são, fazerem o que fazem, no sentido de prover o ser, o viver e o conviver numa comunidade de aquilombamento trazendo à tona passado, presente, projetos de futuro nesse movimento que, ao mesmo tempo que é de investigação e de pesquisa, é também, de construção de instrumento pedagógico para contemplar uma Educação das relações étnico – raciais e de respeito às religiões de matrizes africanas, cientificamente, entendendo que os quilombos e os terreiros são guardiões da história e da cultura afro-brasileira e africana e a aproximação com os conteúdos oriundos dessas autobiografias nos trouxeram subsídios teóricos, práticos e educativos de grande valor.

**4 Resultados e Discussão**

Fizemos 12 entrevistas biográficas com as 12 mulheres que compõem o grupo artístico e cultural Xamba das Yabás. 07 dessas mulheres escolheram realizar a entrevista em seu próprio lar, 05 delas escolheram realizar a entrevista no Centro Cultural Bongar Xambá, equipamento onde realizam apresentações, festas, oficinas diversas e fazem encontros, nas terças e quintas - feiras, para discussão, planejamento, aprendizagem e confecção de bijuterias, presentes, lembrancinhas que adornam os Toques (As festas que são realizadas, mensalmente, no Terreiro de Xambá, em homenagem aos orixás ali cultuados).

As narrativas autobiográficas advindas das entrevistas biográficas, revelaram mulheres que se autodeclaram pretas (07), pardas (03) e brancas (02), candomblecistas (12), pobres (08), de classe média (04), casadas (03), separadas (01), solteiras (03), viúvas (04). No que diz respeito à profissão exercida, tivemos: cabeleireira (01), costureira (01), técnica de enfermagem (01), aposentada (02), manicure (01) e dona de casa (06). Com relação ao grau de instrução ficou revelado que (01), não estudou, fizeram Graduação, (02), fizeram Ensino Médio (04) e fizeram Ensino Fundamental, (05). Idades: (01), revela ter 55 anos, (01), 57 anos, estando, portanto, na faixa geracional de adultas. Temos, ainda, (01), com 61 anos, (01), com 64 anos, (02), com 67 anos, (01), com 70 anos, (01), com 71 anos, (01), com 72 anos, (01), 74 anos, (01), com 76 anos, (01), com 79 anos. 10 dessas mulheres fazem parte, então, da faixa geracional de idosas.

Como resultado da pesquisa, temos 12 histórias de vida narradas, transcritas e analisadas, dezenas de fotografias tiradas e catalogadas em acervo, vídeos produzidos, em acervo, registro das letras de música cantadas em apostila, e, ao longo do percurso da pesquisa, o principal discurso narrado e por nós escutado e registrado foi sobre o amor. Amar é, para essas narradoras, pretas, pobres, idosas, quilombolas, candomblecistas, antes de tudo, uma forma de esperança. De esperar por uma vida mais justa entre as classes sociais, etnias, gêneros, gerações, religiões e de isonomia entre seus sujeitos.

**5 Considerações Finais**

O grupo artístico e cultural Xamba das Yabás é composto por 12 mulheres idosas, vivendo numa sociedade que premedita o rancor discriminativo contra pessoas na terceira idade, elas, portanto, colocam–se, todas por uma e são elas, em seu pleno, amorosas mulheres que estão levando muito bem a vida e a arte de cantar, dançar e cuidar, utilizando-se do amor como um catalisador do seu bem viver, dedicando-se aos seus orixás e ao próximo, assumindo, portanto, uma maneira de organização e sociabilidade baseado em amar embora as suas biografias estejam entrelaçadas por choros e pela questão da identidade em comum entre elas: Mulheres de Terreiro que realizam Xirês nos palcos para educar o público sobre o necessário amor e respeito pela religião do candomblé e seus/as adeptos/as.

**Referências**

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Quilombolas e novas etnias**. Manaus: UEA Edições, 2020.

AMARAL, Rita. **Xirê! O modo de crer e de viver no candomblé**. Rio de Janeiro: Pallas; São Paulo: EDUC, 2002.

APPIAH, Kwame Antony. **Na casa de meu pai**: a África na filosofia da cultura. Rio de Janeiro: Contraponto, 1992.

APPIAH, Kwame Antony. **O Código de Honra: Como ocorrem as revoluções morais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

CAPUTO, Stela Guedes. **Educação nos terreiros:** e como a escola se relaciona com crianças de candomblé / Stela Guedes Caputo. – 1. Ed. – Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

1. Doutora em educação pela UFPE – Universidade Federal de Pernambuco. Professora do ensino superior da Universidade Federal de Pernambuco. Contato: [auxiliadora.martins@ufpe.br](mailto:auxiliadora.martins@ufpe.br) [↑](#footnote-ref-1)
2. Doutorando em Ciências da Religião pela UNICAP – universidade Católica de Pernambuco. Professor de ensino superior da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais de Igarassu. Contato: [valdez.flavio@gmail.com](mailto:valdez.flavio@gmail;com) [↑](#footnote-ref-2)
3. Foi na noite de 1º de fevereiro de 1912 que o terror se espalhou pelos terreiros de cultos afro-brasileiros em Alagoas. O quebra-quebra foi liderado pela Liga dos Republicanos Combatentes, agremiação política que fazia oposição ao governador da época, Euclides Malta. As invasões, espancamentos e prisões aos praticantes de candomblé, umbanda e outros cultos durou até a madrugada de 2 de fevereiro, quando os praticantes homenageiam as entidades de Oxum e Iemanjá. O Quebra provocou o fechamento de vários terreiros e a dispersão de yalorixás e babalorixás para outros Estados. Os que ficaram aqui, continuaram praticando os cultos em silêncio, sob intensa repressão e medo. http://www.ufal.edu.br/noticias/2017/01/o-quebra-do-xango-pesquisadores-da-ufal-avaliam-os-reflexos-deste-episodio-de-intolerancia-religiosa [↑](#footnote-ref-3)